

“Eu te darei a Mestra”

Argumentos sobre o Sistema Preventivo a partir do sonho dos nove anos¹

Piera Ruffinatto

Neste ano de 2024 no qual celebramos o bicentenário do sonho dos 9 anos o Reitor Mor através da Estreia² nos convida a relê-lo à luz do Sistema Preventivo e em chave de espiritualidade educativa. São muitas as perspectivas através das quais se aproximar do argumento e muitos estudos e contribuições são ofertados para o nosso aprofundamento. Como Filha de Maria Auxiliadora escolhi privilegiar a dimensão mariana que atravessa não somente o sonho dos 9 anos, mas toda a existência e a experiência pedagógica de Dom Bosco. A sua experiência de filiação mariana de fato está no coração do seu método preventivo, conseguindo fazer dos jovens verdadeiros filhos de Deus com o auxílio de Maria. Procurarei então, justificar se, e, em qual sentido a filiação mariana é um caminho privilegiado de educação preventiva.

1. “Tomou-me pela mão com bondade”

A revelação da maternidade de Maria no sonho dos nove anos.

As três décadas nas quais foram organizadas as Memórias do Oratório foram precedidas por um prelúdio importante porque dali se parte a história do Oratório que o narrador fez coincidir com as suas vivências pessoais.³ Então, neste início é determinante a presença e a obra de Maria Santíssima.

Dom Bosco, de fato, sugerindo o caráter mariano ligado às suas origens, faz coincidir o seu nascimento com o 15 de agosto, na solenidade da Assunção de Maria.⁴

Ao evento do seu nascimento segue a morte do pai, como uma recordação dolorosa, mas cheia de fé serena e cristã. Súbito depois narrou o sonho considerado dos “nove anos”.⁵

A primeira cena do sonho é polarizada ao redor do “*homem venerando*” que o chama pelo nome, lhe ordena de pôr-se diante das crianças barulhentas e lhe oferece uma indicação sobre como comportar-se em relação a elas: “Não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade deverás ganhar estes teus amigos. Comece imediatamente a instruí-los sobre a feiura do pecado e sobre a preciosidade da virtude”.

Na segunda parte da narração, entra em cena a *mulher com um majestoso aspecto* que é a chave de todo o sonho. De fato, graças a ela é que João conhece o nome do misterioso personagem: “Eu sou o Filho Daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia”. Jesus se apresenta como o Filho de Maria, quase oferecendo ao pequeno órfão a recordação encorajante da mãe, de cujos lábios aprendeu a rezar e invocar a Mãe celeste. O Filho de Deus se dirige a Maria com a denominação “minha mãe” e deixa para ela a condução de tudo o que prossegue. É então pela força do seu ser Mãe, que Maria assume na narração uma preciosa tarefa.

Entre as tarefas principais de uma mãe está a educação e instrução dos filhos. É ela, de fato, que os instrui para a vida, colocando-se como mediação entre eles e o mundo para o qual ela os gerou. É para expressar melhor esta sua tarefa que Maria é apresentada como a mestra sob cuja firme orientação ele conquistará a sabedoria.

À reação confusa e medrosa do rapaz, Nossa Senhora responde com compreensão e bondade. Como mãe sabe que nada é melhor para acalmar uma criança agitada do que o contato físico e a palavra calma e encorajante. Por isto, narra o escritor: “Tomou-me com bondade pela mão e me disse: Olha! Olhando percebi que aquelas crianças tinham fugido, e no lugar vi uma multidão de cabritos, de cães, de gatos, ursos e muitos outros animais. – Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar. Tornate humilde, forte, robusto; e o que vês acontecer com estes animais neste momento, tu deverás fazê-lo com meus filhos”.

Maria conduz João no campo da educação juvenil e lhe confia a tarefa de mudar os lobos em cordeiros, ou seja, assumir a missão educativa em sua forma mais integral que se exprime na geração interior das pessoas. Esta entrega, todavia, poderá se cumprir porque a própria Mãe de Deus estará presente: “Ha seu tempo tudo compreenderás”. É uma solene declaração que a obra nascente se desenvolverá graças ao seu amparo e auxílio.

A Virgem aparece ainda em sonho a João, no dia 13 de outubro de 1844.⁶ Quase para concluir um discurso deixado em suspenso. Ela se apresenta como a chave de leitura dos eventos coligados ao primeiro sonho que, porém superam a possibilidade de compreensão de Dom Bosco. Ele, de fato, o define como “um apêndice daquele que teve nos Becchi quando tinha nove anos”.⁷

O narrador sonha que se encontrava no meio de muitos animais e cheio de medo quis fugir quando uma Senhora, vestida de pastora o precede e se coloca diante do estranho rebanho. Ela guia o caminho através de algumas etapas e em cada parada diferenciada, aqueles animais se transformam em cordeiros. O destino onde chegam é um vasto pátio com um portão, em cuja extremidade tem uma Igreja. Além disso, outros animais se transformam em cordeiros e chegam alguns pastores pra protegê-los, mas depois de pouco tempo partem. Naquele momento alguns daqueles cordeiros, por maravilha do narrador, se transformam em pastores e recolhem outros animais e guia-os em novos campos. A pastora enfim, convida Dom Bosco para observar o campo no qual chegaram: “Então vês uma estupenda e alta Igreja (...) No interior daquela Igreja tem uma faixa branca na qual com letra cursiva está escrito: *Hic domus mea, inde gloria mea*”.

A intervenção materna de Maria acompanha o jovem, já novo sacerdote, na compreensão do projeto de Deus sobre a sua vida e sua obra salesiana. Neste horizonte a tarefa de Maria torna-se central. É ela, de fato, que se coloca à frente do rebanho e, como pastora, o conduz em direção a uma sede estável, Valdocco, onde surgirá a igreja a ela dedicada; local que na solenidade desta visão, representa também o objetivo da Congregação salesiana nascente e o projeto a ela entregue: o cuidado pela salvação integral da juventude.

Depois deste solene prelúdio, o pano aberto sobre o sobrenatural se fecha e Dom Bosco continua a narração das suas *Memórias* descrevendo a vida simples transcorrida nos Becchi, sob o olhar atento e sábio da mãe, Margarida, e em companhia dos seus pequenos amigos para os quais institui um tipo de “oratório festivo”, primeira atuação embrionária do sonho dos nove anos.

2- A tarefa materna de Maria nas origens do Oratório.

Ser todo de Maria, frequentar e propagar a sua devoção, são as solenes entregas de mamãe Margarida ao filho João, quando se preparava para entrar no seminário de Chieri. Continuemos a leitura das *Memórias do Oratório* interrogando o narrador em relação a tarefa de Maria, mãe e mestra, no desenvolvimento da obra salesiana.

A primeira realização oratoriana surge nos Becchi e consiste numa simples proposta para passarem a tarde juntos com jogos e brincadeiras envolvidos pela oração da Ave Maria, concluindo com a récita do Rosario.⁸ As reuniões são realizações do sonho dos nove anos: impedir risos e conversas imorais e fazer o bem entre os amigos, atuação prática do Sistema Preventivo que consiste em impedir o mal e promover o bem. Estas iniciativas se consolidam em seguida em Chieri, quando, jovem estudante, João funda a *Sociedade da Alegria*, associação também permeada de devoção mariana.⁹

Terminando as escolas públicas, chega para João o difícil e sofrido momento do discernimento vocacional por ele vivido na fé, rezando uma intensa novena à sombra de Nossa Senhora das Graças do Duomo da cidade. Com a sua intercessão Dom Bosco toma a decisão de entrar no Seminário e diante dela pronuncia os propósitos no dia solene da vestição clerical.¹⁰

Chegando ao Seminário, João colocou em prática um dos conselhos da mãe, e encontra em Luís Comollo um companheiro particularmente devoto e amante da Virgem que se torna para ele o amigo ideal, o guia perfeito, o exemplo incomparável. O primeiro escrito de Dom Bosco narra a vida

deste doce confidente que morreu prematuramente em conceito de santidade.¹¹ Nela, como afirma Pietro Stella, já está enunciada quase totalmente os elementos da devoção mariana segundo Dom Bosco. Devoção fundamentada sobre a maternidade de Maria que deve se expressar numa vida virtuosa e garantir o auxílio da “protetora mais potente” que se possa ter enquanto se vive “neste vale de lacrimas”.¹²

A vida de Comollo é a melhor representação do que significa ser verdadeiros filhos de Maria, isto é, retratar em si mesmo as faces da Mãe, em outras palavras, imitar as suas virtudes. Esta é a verdadeira devoção que conduz à salvação porque em última instância leva ao gozo de Deus e com ele de todos os outros bens, sem mal algum. Os gestos que adquirem, as características da piedade popular do tempo - cultos, sacrifícios, florzinhas – não criam a devoção, mas a expressam como consequência de um amor terno e sincero em relação a Nossa Senhora, assim como os ingênuos gestos de afeto que uma criança tem com sua mãe são manifestações externas das suas atitudes mais profundas: a confiança, o amor, o abandono entre os seus braços seguros.

A ordenação sacerdotal, celebrada no dia 5 de junho de 1841, é uma etapa fundamental que é como um divisor de águas na vida de Dom Bosco. Como coroamento da sua vocação, graças ao auxílio da Mãe celeste, ele celebra a sua segunda Missa no Santuário da Consolata em Turim, em agradecimento pelos benefícios recebidos dela.¹³

No período transcorrido no Convitto eclesiástico – graças a orientação e ao exemplo do seu diretor espiritual e formador Dom Giuseppe Cafasso – Dom Bosco se forma na meditação dos escritos marianos de Sant’Alfonso Maria de Liguori, segundo o qual a verdadeira devoção a Maria garante a proteção mais poderosa que se possa ter na vida e na morte. Ele assim tem como consolidar e aprofundar a sua relação filial com a Mãe de Deus.¹⁴

Para Cafasso, Maria é antes de tudo a mãe de todos os cristãos, assim Jesus quis deixá-la no momento da cruz. Como mãe ela possui pela sua santidade todas as mais belas qualidades aperfeiçoadas: em particular o amor terno e forte e o cuidado contínuo por cada filho seu. Ela nos ama porque custamos a vida do seu filho e porque Jesus mesmo quis doar-nos a ela como filhos no momento da morte. Por isto não pode existir um cristão que não ame Maria e não corresponda à sua ação com a sua devoção filial. Como Mãe, Maria ajuda todos os seus filhos, mas em particular os mais frágeis e necessitados. Ela é como a Tesoureira de todas as graças e a Fazendeira do Paraíso. Não existe melhor ícone para representar a sua maternidade do que o de Caná.¹⁵

Habitado às pregações populares, Cafasso ama oferecer o exemplo de alguns santos que viveram a devoção a Maria particularmente rica de amor filial como São Luís Gonzaga e São Filipe Neri, autores que se tornam queridos a Dom Bosco e que ele os coloca como modelo para seus jovens no *Giovane Provveduto*.¹⁶

Os anos do Convitto e aqueles que se seguiram até a posse de Valdocco (1841-1846) descrevem os inícios do Oratório festivo e a labuta por uma sede estável.

Nesta parte da narrativa se colhem com maior evidência a presença e a intervenção materna de Maria. Na arquitetura das *Memórias* aparece claramente a intenção de Dom Bosco de demonstrar como nos anos do oratório itinerante vai se realizando uma parte do seu sonho de 1844. De fato, no desenrolar-se dos acontecimentos, Maria é ativamente presente e participante nos acontecimentos mesmo adversos vividos por Dom Bosco e pelos jovens oratorianos, ela se coloca à frente do grupo juvenil e, através das diversas etapas, conduz em direção ao Prado Filippi, lugar no qual surgirá o pátio com o pórtico e a Igreja a ela dedicada. Com a sua presença infunde segurança e ajuda a não se desencorajarem e a continuarem o caminho na certeza de que é ela que “toma Dom Bosco pela mão” e o conduz ao lugar preparado para os seus jovens. Como mãe, de fato, não abandona os seus filhos no momento da incerteza e das necessidades.

Dom Bosco demonstra a sua confiança em Maria definindo minuciosamente como cada etapa do oratório itinerante foi marcada por uma ocorrência mariana: do Convitto eclesiástico o oratório se desloca, com a ajuda do teólogo Giovanni Borel, para o Refúgio da Marquesa Barolo no domingo no qual se celebra a maternidade de Maria (14 de outubro de 1844). No domingo seguinte, 20 de outubro, dedicada a purificação de Maria, inicia oficialmente o oratório.¹⁷

A primeira capela organizada nos dois cômodos do hospital de Santa Filomena foi abençoada no dia 8 de dezembro de 1844, dia da solenidade da Imaculada Conceição. Quando se aproxima o período mais difícil, porque ele e os seus jovens foram afastados de São Martino aos Molassi e de São Pedro em Vincoli, e o oratório não tinha mais sede estável, as diversas metas escolhidas por Dom Bosco foram as Igrejas ou santuários marianos: Nossa Senhora do Pilone, Nossa Senhora do Campo, Superga, onde a Basílica é dedicada à Imaculada, a Consolata.¹⁸

Enfim, a solene chegada ao objetivo definitivo, 12 de abril de 1846 – Páscoa da Ressurreição – é vivida na companhia de Maria, considerada como a maior artífice do acontecido milagre: “Comovidos e transportados por profunda gratidão e para agradecer a Santa Virgem que tinha acolhido e ouvido as nossas orações que pela manhã mesmo tínhamos feito a Nossa Senhora do Campo, nos ajoelhamos pela última vez neste lugar e recitamos o Rosario”¹⁹

Relendo estes acontecimentos Dom Bosco identifica o Prado Filippi como o lugar indicado por Nossa Senhora para construir a sua casa.²⁰ A casa de Maria, aqui, não se identifica somente com a futura igreja que será erguida em 1868, mas indica também e sobretudo a obra salesiana. O projeto que se desenvolve em Valdocco, portanto, é obra de Maria, é a sua casa e aqui ela é *de casa*. Invocada com as devoções características (canto da *Ave Maria Estrela*, recita do *Angelus*, canto do *Magnificat*, oração do *Ofício de Nossa Senhora*) está presente como mãe atenta que vela sobre o andamento das jornadas nas quais a oração e o estudo se alternam com os jogos e às festas.²¹

O encontro de um lugar onde construir o oratório é considerado uma intervenção de Nossa Senhora. Daqui em diante, na casa de Valdocco, a presença materna de Maria é apresentada sempre mais claramente não somente através dos escritos, mas também no concreto desenrolar-se dos acontecimentos. Quando Dom Bosco adoece gravemente, os jovens se alternam em oração diante do quadro da “Consolata”, rezam diante da mãe, fazem votos e promessas. Enfim, é a Ela- mãe de Dom Bosco e mãe dos jovens – que é atribuído o milagre da sua cura.²²

Agora, entrando na experiência pedagógica de Dom Bosco e relendo alguns dos seus escritos, procuremos individualizar a relação existente entre a filiação mariana e a aplicação do Sistema Preventivo.

3- A filiação mariana via de educação preventiva.

A relação filial entre Maria Santíssima e Dom Bosco, como é expresso no sonho dos nove anos, é central também na origem e no desenvolver-se da sua obra educativa. Para compreender em qual sentido a filiação mariana pode ser via de educação preventiva é necessário iluminar a relação entre esta experiência e a educação cristã.

Efetivamente, como se evidenciou nas conclusões do Congresso “Eu te darei a Maestra...”. A *coragem de educar na escola de Maria* organizado pela nossa faculdade em 2004 “A vivência e a figura de Maria de Nazareth, penetrado em seu significado essencial, podem indicar as coordenadas indispensáveis para orientar o processo educativo em direção a realização de uma personalidade integral considerada em seu contexto. Em outros termos, em Maria de Nazareth podemos distinguir não somente a *plena realização do projeto de Deus* sobre a pessoa humana, mas também o *processo* que conduz a tal realização.

Como é verdade que a pessoa nasce, é também verdade que a pessoa se torna. Pode-se aprender como se tornar pessoa na escola de Maria; como Ela, realizar a própria humanidade significa *descobrir o sentido da vida, assumir responsabilmente o próprio lugar, afirmar a própria liberdade na obediência à verdade da vida, às suas leis, aos seus valores, a uma justa escala de valores*”.²³ Maria, de fato, “é ao mesmo tempo a mais alta realização histórica do Evangelho e a mulher que, pelo domínio de si, pelo seu sentido de responsabilidade e espírito de serviço, é completamente realizada no plano humano”.²⁴

Além de que pela sua exemplaridade, Maria tem uma tarefa indispensável na obra formativa ao ser ao mesmo tempo filha predileta do Pai, e mãe de Cristo, segundo a natureza humana. Ela o concebeu e deu à luz, nutriu, cuidou e educou: “Entre o Verbo encarnado Jesus e Maria existe um

indissolúvel vínculo filial-materno, pelo qual, enquanto ela reconhece no Filho o seu Deus e Senhor, ele a respeita e ama como mãe, a agradece pelo dom da vida temporal”.²⁵

A profunda natureza da presença de Maria no meio dos homens é então aquela de ser mãe, mãe dos homens, especialmente dos fiéis. Uma mãe que “com a sua materna caridade cuida dos irmãos do seu Filho ainda peregrinos no meio dos perigos e sofrimentos, até que sejam conduzidos na beata pátria”.²⁶

Em relação aos cristãos, então, Maria desenvolve uma função de geração, nutrição, educação e crescimento até que esses cheguem a perfeita conformidade com Cristo.²⁷

Em Dom Bosco está presente a certeza da mediação materna de Maria na obra da educação juvenil. Procuremos justificar tal afirmação com os escritos do santo educador, sobretudo aqueles nos quais explicita de diversos modos tais percursos.

3.1- Da descoberta da maternidade de Maria à experiência da filiação mariana.

Para Dom Bosco, Maria é sobretudo e antes de tudo mãe. A percepção da sua maternidade percorre os seus escritos, as suas palavras e também os seus sonhos.

No livro *Maravilhas da Mãe de Deus*, ele recorre a Maria como mãe porque com a sua cooperação amorosa no mistério da redenção, verdadeiramente nos gerou do Calvário à vida da Graça; na ordem da saúde todos nascemos das dores de Maria. Nestes preciosos momentos ela se torna nossa mãe. Ela torna-se a mãe de todos os cristãos.²⁸ Dom Bosco é consciente da universal mediação das graças de Maria para aqueles que a invocam com fé na sua espiritual maternidade.²⁹

É convicto do quanto seja interiormente construtiva e sadia para os seus jovens, a percepção de encontrar em Maria Santíssima a própria mãe na ordem sobrenatural. Ter ou reencontrar uma mãe significa encontrar as próprias raízes, a própria origem. Fazer a experiência de ser acolhidos ao vir ao mundo por um amor que nutre, protege, defende, coloca os fundamentos da confiança em si mesmo e nos outros porque percebe o existir como realidade boa e afável.

Ser conscientes de ter encontrado acolhida desde a origem é a premissa para descobrir o significado do próprio existir. Ter sido amados, de fato, é o pressuposto para doar o amor recebido com o dom de si mesmo aos outros. É esta a experiência fundamental que Dom Bosco viveu em relação a Maria Santíssima também, graças a mediação de Mamã Margarida. Ao mesmo tempo ele se sente chamado para ser, para os seus jovens, mediação de tal paternidade/maternidade.

Pela própria experiência Dom Bosco fala da maternidade de Maria no realismo da vida, não apenas proveniente de conceitos ou teorias. Por isto a sua é uma palavra que toca o coração dos seus ouvintes, convidando-os continuamente a se colocarem confiantemente nos braços de Maria mãe amadíssima e a se recomendarem a ela como advogada.

Dom Pietro Ricaldone, quarto sucessor de Dom Bosco, afirma: “Está escrito e ouvimos principalmente dos mais antigos alunos de Dom Bosco, que quando ele falava de Nossa Senhora, a palavra era sempre calma, sóbria e meditativa, revestida de um tom e um timbre especial e tinha uma eficácia tal de atrair os corações e provocar lágrimas de ternura nos jovens que o escutavam”.³⁰

Dirigindo-se aos jovens do oratório, muitos dos quais órfãos, abandonados ou longe de casa e dos afetos dos familiares, desejava persuadi-los que, como na ordem da natureza Deus lhes deu uma mãe, assim lhes doou uma outra mãe na ordem sobrenatural.³¹ Em tal mãe é preciso colocar toda a própria confiança porque “é nossa mãe e nos ama infinitamente mais do que todos corações das nossas mães terrenas juntos possam nos amar”³²

Os exemplos que utiliza para falar de Maria foram tirados dos escritos marianos de Santa Alfonso Maria de’Liguori e se inspiravam na literatura mariana popular dos Oitocentos que, sobretudo nos meses de maio, colocava em realce a proteção verdadeira de Maria, a verdadeira devoção mariana.³³

Os *Louvores Marianos* inseridos no “*Giovane Provveduto*” são simples sinais de afeto e da dedicação filial que os jovens deveriam elevar para a Mãe celeste. Um destes louvores cantava: “*Aos*

teus pés, Maria dileta, venham todos os teus filhos. Querida Mãe, aceite o dom dos nossos corações amantes”.³⁴

Como mãe, Maria está presente ao lado dos seus filhos e se comove com as suas necessidades: “Maria tem um coração piedoso e terno em relação aos homens, que não existe pessoa, que se compadeça mais dos nossos sofrimentos do que Maria: por isto logo que percebe uma necessidade nos socorre”³⁵

Nas *Maravilhas da Mãe de Deus*, para expressar como Nossa Senhora era auxílio do povo de Deus, Dom Bosco comenta o trecho evangélico das núpcias de Caná, evento no qual Maria manifesta a sua intervenção e a sua potência junto ao seu filho Jesus em socorrer a nossa aflição.³⁶ O seu modo de interferir demonstra grande delicadeza e discrição: somente apresenta a Jesus a necessidade, a falta de vinho. De fato, “com os corações benéficos e propensos à liberalidade não precisa extorquir com as indústrias e com a violência a graça, basta propor a ocasião”.³⁷ Maria, continua Dom Bosco, “está sempre ao nosso lado porque o seu coração é pleno de misericórdia. Por isto, se ela teve tanta compaixão da vergonha daquela pobre gente e providenciou mesmo que não tenham pedido, não terá mais piedade de nós se a invocarmos com confiança?”³⁸

Também nos sonhos, Maria se apresenta como mãe que intervém, defende, protege, conduz a salvação. Nossa Senhora dos sonhos é motivo de conforto e confiança. É a mãe benigna que encoraja, exorta a prosseguir a obra educativa, faz resplandecer um futuro melhor: casa e igreja da qual Deus difundirá a glória da sua Mãe santíssima. Ela é pastora, a rainha, a guia e a mãe. Ela caracteriza a devoção mariana dos Oitocentos. Maria é então a mãe celeste, a mãe do Verbo incarnado, a protetora. Quem se confia à mãe de Jesus possui uma grande garantia de salvação.³⁹

Com o seu abraço materno, representado nos sonhos pelo manto protetor sob o qual os jovens se refugiam, Maria defende dos assaltos do mal. No sonho do elefante, que entra no oratório, aterroriza e mata qualquer um que se encontre em seu caminho, a estátua da Virgem que se encontra no pátio do oratório, cria alma e cresce.

A versatilidade da narração nos restitui uma imagem vivíssima de Maria, envolvida em sua tarefa materna que se cansa de tantos gritos. Aspecto que atinge e convence os corações dos jovens de realismo, com o qual Maria intervém em suas vidas protegendo-os do mal. Semelhantemente, no sonho do país na provação, Maria estende um larguíssimo manto e convida os jovens a encontrarem defesa e segurança e serem protegidos na batalha que atinge o país.⁴¹ Enfim, a oração confiante a Maria, nas formas conhecidas pelos jovens, como a Ave Maria, o Santo Rosário, em outros sonhos, são as verdadeiras armas que derrotam o maligno.⁴²

Como conclusão, no oratório de Valdocco Maria Santíssima é de casa como uma presença viva, não somente pela sua exemplaridade, mas também é, sobretudo pelo seu constante acompanhamento com o qual, pouco a pouco leva os jovens em direção a Cristo. Então se inicia o dinamismo da resposta, da abertura do coração, do discipulado autêntico com o qual os jovens são formados.

3.2- Da filiação mariana ao autêntico discipulado cristão.

Maria é Mãe, então todo cristão deve antes de tudo ser verdadeiro filho correspondendo em seu coração ao amor de predileção com o qual ela o ama e viver uma sincera e profunda devoção mariana. Tal correspondência se realiza numa vida cristã autêntica que consiste em se tornar “filhos” no Filho, isto é, configurar a própria vida naquela de Cristo, seguindo-o e tornando-se seus discípulos.⁴³ Neste dinamismo, Maria é presente como mãe que contribui na geração interior de cada um dos seus filhos.

Confirma-se aqui para Dom Bosco, uma dimensão da devoção mariana em chave pedagógica que vai além das sensibilidades históricas e culturais da piedade popular. Por exemplo, no livro *O Mês de Maio consagrado a Maria Santíssima Imaculada* “Dom Bosco enquadra explicitamente e insistentemente a devoção mariana num contexto que tem como objetivo, um concreto e sério empenho de vida cristã vivida com fervor e amor”.⁴⁴

A sua proposta articula-se em três práticas: “1º) Fazer tudo quanto pudermos para não cometer algum pecado ao longo do mês: seja esse todo consagrado a Maria; 2º) Ter grande zelo no cumprimento dos deveres espirituais e temporais do nosso estado; 3º) Convidar os nossos parentes e amigos e todos aqueles que de nós dependem a tomarem parte nas práticas de piedade realizadas em honra de Maria durante o mês”.⁴⁵

As florzinhas propostas consistem essencialmente “em exercícios práticos para alimentar a união com Deus, o fervor espiritual e a prática das virtudes durante a vivência do cotidiano”.⁴⁶ No decorrer do livro, as leituras e meditações propostas não se referem a Maria, mas as verdades que devem iluminar a vida do cristão, temas comuns na literatura espiritual e na pregação do tempo-preocupada em instruir e catequizar – que Dom Bosco toma como chave de pedagogia espiritual. O que lhe interessa de fato é “ensinar aos jovens e ao povo que a celebração do mês de Maria, que a verdadeira devoção mariana é um modo eficaz para alcançar uma conversão contínua, um crescimento no empenho cristão, simultaneamente no plano moral, espiritual e dos deveres cotidianos”.⁴⁷

A devoção a Maria é culminada ofertando-lhe um belo buquê das virtudes.⁴⁸ Ela vê as pequenas ou grandes fadigas, nas quais são imersos os seus filhos, em particular os jovens e pode ajudá-los, com a condição de que se reconheçam como tal: “Nós temos necessidades das graças do Senhor, afim de que ele nos dê sanidade, mente, e que também nos ajude a fazer bem os exames. Se queremos estas graças recorramos a Maria; mas para que ela interceda, é necessário que demonstremos ser seus verdadeiros filhos, odiando o pecado e mantendo-o longe de nós. Ela então será generosa conosco com os dons temporais e espirituais, será a nossa guia, a nossa mestra, a nossa mãe. Todos os bens do Senhor nos vêm por meio de Maria. Recordem. É quase impossível ir a Jesus se não se vai por meio de Maria. Portanto, recomendem a ela todas as vossas necessidades e especialmente a alma”.⁴⁹

A devoção mariana está estreitamente ligada à salvação eterna: “Já que o mais belo ornamento do cristianismo é a Mãe do Salvador, Maria Santíssima, assim a Vós me dirijo, o clementíssima Virgem Maria, eu estou certo de conquistar a graça de Deus, o direito ao Paraíso, de reconquistar a perda da minha dignidade, se Vós rezais por mim: *Auxilium Christianorum, ora pro nobis*”.⁵⁰

Então Dom Bosco é convicto que “Nossa Senhora intervém como advogada eficaz e mediação poderosa junto de Deus para ajudar-nos a alcançar a perda da dignidade de filhos como “imagem e semelhança” de Deus no homem que os nossos progenitores comprometeram com o pecado, para si próprio e para a sua descendência. Portanto recuperar, através da inserção em Cristo Salvador, um modo profundo de comunicação com Deus capaz de regenerar-nos em homens novos”.⁵¹

É necessário portanto confiar-se como filhos a Maria, dirigir o nosso olhar para ela, sobretudo nos momentos de dificuldades, porque ela ajuda todos os seus filhos.⁵² Ela é a onipotente por graça e nós devemos invocá-la em todo momento, e nos dará a força para vencer todos os inimigos da nossa alma,⁵³ é a nossa guia, a nossa mestra, a nossa mãe, por isto devemos sentir por ela um afeto especial.⁵⁴

Nesta moldura se compreende também a referência a Imaculada presente na pedagogia espiritual de Dom Bosco. No século XVIII, como reação católica a reforma protestante, a devoção a Imaculada colocava em realce a sua condição de criatura privilegiada. No século de Dom Bosco, atravessado pelo ódio à Igreja e pela violação dos direitos do clero e do Papa, Maria aparece como a Imaculada que media as relações entre o céu e a terra. São tempos difíceis nos quais “o problema da salvação pessoal se insere naquele da sobrevivência da fé comunitária e da sobrevivência de instituições que se sentiam depositárias dos meios de salvação eterna”.⁵⁵

Maria é, portanto, vista como a Estrela da Manhã, a Imaculada que esmaga o demônio, que resolve a história humana com lutas e triunfos do bem sobre o mal. Em Valdocco, porém, o significado é mais íntimo: Maria se alegra em suscitar maior fervor religioso e maior empenho no complexo da obra educativa. As práticas devotas em honra da Imaculada têm sobretudo o objetivo de assegurar-nos a proteção da grande Mãe de Deus na vida e especialmente na hora da morte.⁵⁶ A intervenção educativa, por isto “é para levar os jovens a olharem Maria como ideal de pureza virginal,

de beleza fascinante, eficaz em encorajar na luta e na vitória como altíssimo ideal de virtudes morais e cristãs”.⁵⁷

Como conclusão, nota-se que para Dom Bosco a devoção mariana almeja formar nos jovens um coração filial em relação a Maria, não permanecer somente na prática devota, mas para realizar a obra educativa. Como afirma Caviglia: “Para Dom Bosco a devoção mariana era um fator educativo dos mais eficazes sobre o coração dos jovens e, mais intimamente um fator espiritual. Fazer um jovem rezar à Nossa Senhora para que o ajude a corrigir um defeito, ou levá-lo a fazer por amor a Mãe celeste o propósito de abster-se de certas coisas, em suma, inserir a sua presença, como aquela da mãe que está longe, na conjuntura da vida cotidiana, era uma amável maneira de educar para obter o que era necessário, de outra forma não teria conseguido, e fazê-los rezar as três Aves Marias para “coloram as próprias coisas no lugar” foram a salvação dos jovens desorientados e dos homens desencaminhados”⁵⁸

A verdadeira devoção, definitivamente, torna-se ontologicamente e teologicamente, mas também psicologicamente uma *asa* que leva para o alto, “com estas duas asas, isto é, com estas duas devoções, Maria e Jesus Sacramentado, estejam certos que não demorará a se elevarem para o céu”.⁵⁹

4- Eficácia transformadora da filiação mariana.

Para Dom Bosco somos todos amados por Maria, porque ela é a mãe de todos os cristãos, mas em particular ela ama os jovens, as crianças, os pequenos: “Maria ama a juventude [...]; ama os pequenos por estes motivos: porque é mãe, e as mães têm mais ternura pelos pequenos ainda crianças do que quando são adultos; porque os pequenos são inocentes; porque estes são mais fáceis de serem seduzidos e conseqüentemente dignos de compreensão, de auxílio e de defesa; porque lembram mais Jesus, que passou a infância, a adolescência, a juventude sob os seus olhos”.⁶⁰

O amor de predileção de Maria em relação aos pequenos faz com que ela seja mais próxima deles, seja pelo que se refere ao auxílio espiritual, isto é, o perseverar na vida da graça e a fuga do pecado, seja por todas as outras necessidades materiais.

Como Mãe os toma pela mão com ternura, assim como fez com o pequeno João no sonho dos Becchi, para conduzi-los a saborear e viver a beleza da filiação de Deus. Esses, se guiados sabiamente, percebem de modo pessoal a maternidade de Maria e respondem com toda a abertura e capacidade de abandono que caracterizam a idade, deixando-se acompanhar por Ela ao encontro com Cristo.

Ao longo de sua longa prática educativa, Dom Bosco pode experimentar os efeitos da devoção mariana nos jovens, particularmente naqueles que ele quis narrar a biografia para instruir não somente os jovens, mas também os educadores salesianos. Nestas significativas fontes pode-se evidenciar a relação entre os jovens e Maria, colocando-a no interior do itinerário educativo deles, para colher a função, o objetivo, os efeitos.

As Vidas de Miguel Magone, Domingos Sávio e Francisco Besucco, como “testemunhas de espiritualidade e de pedagogia narrativa”,⁶¹ estão entre os documentos mais importantes para compreender o Sistema Preventivo em ação, enquanto “eficaz ilustração narrativa das convicções e da prática formativa do santo, nos primeiros vinte anos de atividade. Apresenta-nos três jovens, diferentes entre eles, enraizados na cultura do tempo e significativos pelo frescor e a vivacidade, a capacidade de reflexão, a qualidade da abertura espiritual, a determinação e o salto generoso que caracteriza sempre o ânimo dos adolescentes. O autor os coloca em cena como discípulos dóceis e ardentes de educadores dedicados e afetuosos. Apresenta-nos as etapas dos seus breves percursos de vida, nos diversos ambientes da sua formação, nas relações cotidianas, nos empenhos e nos sentimentos”.⁶² Detenhamo-nos brevemente sobre Miguel Magone, um dos três jovens.

4.1- A filiação mariana de Miguel Magone: decisiva orientação para a conversão.

Entre os jovens dos quais Dom Bosco escreve as *Vidas*, Miguel Magone “pode-se dizer que é individualizado pela devoção mariana, e pela completa penetração do movimento do espírito, a ponto

de tornar-se a fisionomia da sua figura e a razão de ser de toda a sua construção espiritual. Magone é um especialista na devoção a Maria, de quem coloca em evidência as suas virtudes” Uma devoção, portanto, toda formada “pelo ódio ao pecado e pela conquista das mais sólidas virtudes”.⁶³

No VIII capítulo da *Vida*, Dom Bosco descreve a devoção do jovem em relação a Beata Virgem Maria. Para Magone o encontro com Maria é somente um aspecto casual, já que o narrador emoldura o fato num horizonte intencionalmente espiritual: “É preciso dizer, que a devoção em relação a Beata Virgem é o sustento de cada fiel cristão. Mas é de modo particular para a juventude. Assim em nome dela fala o Espírito Santo: “*Si quis est parvulus, veniat ad me*”.⁶⁴

Um dia foi dado ao jovem Magone de presente uma imagem da Beata Virgem sob a qual estava escrito: *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos*. O jovem se sente tocado, sente o convite de Nossa Senhora dirigido a ele pessoalmente e sobre isto escreveu ao seu diretor, “falava como a Beata Virgem lhe fez ouvir a sua voz, o chamava para se tornar bom, e que ela mesma queria ensinar-lhe o modo de temer a Deus, de amá-lo e de servi-lo”.⁶⁵

Para Magone é realmente “uma inspiração interior que o impulsiona a viver a experiência mariana “como escola do temor de Deus”, isto é, colocar-se sob a escola de Maria para renovar interiormente a sua vida. Caviglia comenta oportunamente, fazendo notar como “as devoções ou práticas marianas comuns aos bons cristãos já eram realizadas na prática [...] do nosso jovem que as vivia com fervor exemplar. Mas aqui o Santo Mestre quer dizer-nos mais: como o novo impulso daquelas palavras e a conjuntura do Mês Mariano, produziram nele uma atividade espiritual mais intensa, e aceso o desejo da mais alta perfeição”⁶⁶ O efeito destas palavras pode ser comparado a experimentada por Domingos Sávio quando escutou a pregação sobre a santidade, pronunciada por Dom Bosco, momento no qual, o jovem se orientou decididamente para a vida cristã.

À inspiração segue uma série de práticas chamadas “florzinhas”, para honrar a mãe celeste, a divina mestra, a piedosa pastora.⁶⁷ Todavia, a descrição das características assumidas pela devoção mariana de Miguel vai além das práticas religiosas descrevendo uma mudança radical em sua vida. É uma relação “filial” com a mãe, envolvida de confiança e confidência, que leva o jovem a assumir novos comportamentos em todos os âmbitos da vida: uma oração mais intensa e mais mariana, o perdão das ofensas, a superação de qualquer sofrimento: “frio, calor, desprazer, cansaço, sede, suor e semelhantes incômodos das estações, eram florzinhas que ele oferecia com alegria a Deus pela mão da piedosa mãe celeste”.⁶⁹

Maria torna-se também a sua guia e o sustento no cumprimento dos deveres de estudante: “antes de começar a estudar, a escrever no quarto ou na escola, tirava do livro uma imagem de Maria, em que estava escrito esta frase: *Virgo parens studiis sempre adesto meis*. Virgem Mãe assiste-me sempre nos meus estudos”.⁷⁰

Todas as simples atividades cotidianas são acompanhadas pela presença amável, benévola e encorajante de Maria: “Eu, costumava dizer, quando encontro dificuldade nos meus estudos, recorro a minha divina mestra, e ela me explica tudo”.⁷¹ Quando um amigo se alegra com ele pelo bom êxito num tema escolar, ele responde: “Não é comigo que deve se alegrar, mas com Maria que me ajudou, e colocou na minha cabeça muitas coisas que sozinho não teria sabido”.⁷²

E ainda, “para tê-la sempre presente, e recordar o patrocínio de Maria nas ocupações ordinárias, escrevia onde pudesse *Sede Sapientiae, ora pro me*: Ó Maria, sede de sabedoria, roga por mim. Por isto sobre todos os seus livros, nas capas dos cadernos, na mesa, sobre os bancos, na própria cadeira, e em qualquer lugar que pudesse escrever com a caneta ou o lápis, se lia: *Sede Sapientiae, ora pro me*”.⁷³

Aquele mês de maio de 1858 foi verdadeiramente decisivo para a vida de Miguel a ponto de ter a ideia de consagrar-se a Maria com o voto de castidade. Dom Bosco mudou o empenho – muito pesado para a sua idade – numa “promessa ao Senhor de usar no futuro sumo rigor para não fazer jamais, nem dizer palavra, nem piada que fosse contrária àquela virtude”, acrescentando também a promessa de abraçar o estado eclesiástico, se no fim dos estudos ele tivesse dado sinal de ser chamado. Miguel ficou contente com as propostas e prometeu empenhar-se em toda ocasião para colocá-la em prática”.⁷⁴

Daqui em diante toda a vida de Miguel foi inspirada e ligada a Maria numa relação terníssima de filiação. Ele se sente sobretudo filho de Maria, a sua morte é envolvida de luz mariana, entendida como “ir ficar com ela”.⁷⁵

Entre as coisas que o tornam mais sereno no fim da vida é a relação com esta mãe. É comovente o último diálogo entre Miguel e o seu diretor, cheio de candor e de inocência, envolvido de confiança, capaz de revelar o grau de familiaridade com o sobrenatural que caracterizava o Oratório daqueles tempos. Dizia Miguel: “A coisa que mais me consola neste momento é o pouco que eu fiz em honra a Maria. Sim, esta é a maior consolação.

Ó Maria, Maria, como os vossos devotos são felizes na hora da morte. Mas, prosseguiu, tem uma coisa que me incomoda; quando a minha alma for separada do corpo e estiver entrando no paraíso, o que direi? A quem devo me dirigir? “Se Maria quer te acompanhar no juízo final, deixa que ela cuide de ti”. [...] Quando estiveres no paraíso e vires a grande Virgem Maria, diga-lhe uma humilde e respeitosa saudação por mim e por aqueles que estão em casa. Pede para sermos dignos de recebermos a sua santa bênção; que nos acolha sob a sua potente proteção, e nos ajude de modo que nenhum daqueles que estão ou que a divina Providência mandará para esta casa se perca”.⁷⁶

Em síntese, entre as três biografias escritas por Dom Bosco, a de Miguel Magone, pela sua particular situação existencial, melhor do que as outras permite compreender a eficácia transformadora da devoção mariana.

A tomada de consciência de ter em Maria uma mãe afetuosa e um auxílio potente contribui para levar o jovem a tomar decisões relevantes em relação a uma real mudança de vida. Em sua vida se compreende como a devoção a Maria que se vive no Oratório de Valdocco é ligada à piedade, isto é, a veneração à mãe de Deus e a oração, mas é também pela conquista do sentido do empenho concreto.

Como Carlo Colli afirma, a devoção mariana de Valdocco pode ser compreendida somente à luz do princípio fundamental do Sistema Preventivo: “Quem sabe de ser amado, ama e quem é amado obtém tudo, especialmente dos jovens”. É aqui que se fundamenta a eficácia transformadora desta devoção enquanto mãe amorosa do Oratório, é também “a Imaculada com tudo o que este título contém de absoluta incompatibilidade com o mal e o pecado, cheia de plenitude da graça”, portanto “ao jovem sedento de luz, de inocência, de bondade, Dom Bosco apresenta Maria como ideal de uma humanidade que não tem sombra de pecado, a concretização dos seus mais ousados sonhos de adolescente. Não somente um ideal luminoso, frio, abstrato, distante, mas uma pessoa que intensamente o ama porque é sua Mãe, atenta ao seu verdadeiro bem; uma Mãe que o aceita assim como é, com sua miséria, mas que não compartilha; que o compreende em sua fragilidade e fraqueza, mas que não perdoa, que não se substitui ao seu esforço pessoal, disposta ao auxílio e solícita em socorrer quando percebe um só vislumbre de uma sincera e boa vontade”.⁷⁷

Deste modo as exigências da vida cristã não são mais recebidas por Miguel como uma imposição externa, um código moral, mas como “alguma coisa que nasce do seu íntimo, que brota do seu coração como o amor que tem em relação Àquela por quem se sente sinceramente amado”.⁷⁸ O clima de intensa laboriosidade, de santificação do próprio dever, do trabalho e do estudo feito com alegria e generosidade, com “espírito de precisão”,⁷⁹ brotam desta mudança de rota que podemos decididamente chamar conversão e que tem os seus efeitos concretos numa vida toda orientada para Deus e os outros.

Nesta reviravolta, a presença e o auxílio de Maria são decisivos. Com seu comportamento, Miguel demonstra ter compreendido a eficácia da sua maternidade em vista da sua conversão e expressa uma atitude filial de confiança, mas também de súplica; experimenta ser consciente do mistério da preciosa maternidade espiritual de Maria em relação aos seus filhos, de se abandonar totalmente nela, colocando nela o bom êxito do seu caminho. De tal modo, o jovem Miguel experimenta em sua vida o milagre de Caná e as simples águas da sua breve existência se transformam no vinho de uma existência feliz porque plenamente realizada.

Um último aspecto da filiação mariana é em relação aos seus efeitos na pessoa do educador/educadora salesiano/salesiana, os quais chamados a representarem em si as atitudes e os

comportamentos paterno/materno, encontra na relação com Maria Santíssima a oportunidade de amadurecer espiritualmente nesta vocação que o/a caracteriza.

5- A filiação mariana paradigma de paternidade/maternidade educativa.

Em sua ação educativa Dom Bosco fez da paternidade uma experiência profundíssima, inspirado na paternidade do Pai celeste, do qual revelou de modo tangível aos jovens a ternura sem limites. Nisto foi ajudado pela mamãe Margarida e pela própria Maria Santíssima. De fato, certos aspectos do rosto do Pai, Jesus não pôde lhe revelar senão com palavras, enquanto Maria pôde fazer na sua pessoa e na sua vida.⁸⁰

Esta experiência, que representa o coração da sua espiritualidade educativa, Dom Bosco quis imprimir-lá também nos membros das Congregações por ele fundadas. Os educadores e as educadoras salesianos/as, isto é, a imitação do seu pai Fundador, são chamados a viverem a sua missão segundo um estilo de filiação/ paternidade- maternidade.

De fato, a essência da vocação salesiana é de caráter paterno-materno, já que é obra de geração e educação dos filhos de Deus segundo um estilo que evoca o materno não movido por ideologias abstratas, mas pelas exigências vitais dos seus filhos em relação a quem demonstra um amor paciente no respeito aos ritmos de cada um, delicado e afetuoso, mas firme e decidido.

A suposição para atuar esta vocação é a percepção vital da maternidade de Maria, de quem nos sentimos filhos e filhas, e em cujas mãos nos abandonamos sempre mais conscientemente e totalmente. O legado que Dom Bosco deixa aos discípulos é esta lembrança importante: “Nas minhas condições, sem meios, sem pessoal, seria impossível trabalhar em prol da juventude se Nossa Senhora Auxiliadora não tivesse vindo em socorro com luzes especiais e com copiosos auxílios materiais, mas também espirituais”.⁸¹ Toda a história da Congregação, segundo ele, é uma prova inconfundível da presença e do auxílio de Maria em quem “quer que coloquemos toda a nossa confiança.”⁸² O reflexo desta realidade na vida dos educadores/educadoras salesianos/as é que também e sobretudo a obra de geração interior das pessoas é um mistério que nos supera e cujo comando não está em nossas mãos. É preciso, portanto, cultivar o abandono confiante em Maria, mãe e auxílio, deixando a ela a direção da obra educativa.

Na conclusão da carta de 1884 à comunidade salesiana de Valdocco, o interlocutor de Dom Bosco – Giuseppe Buzzetti – encerra a sua longa instrução com estas palavras: “Peça a todos, grandes e pequenos que se lembrem sempre que somos filhos de Maria Santíssima Auxiliadora”.⁸³

A generatividade que caracteriza o ato educativo, não pode desabrochar no/a educador/a se antes ele/ela não fez a experiência profunda de sentir-se filho/a de Maria. Assim como não é um bom padre ou uma boa mãe aquele/aquela que não fez uma sadia experiência de filiação natural. Portanto, do “sentir-se filhos de Maria” emana para todos, educadores e educandos, a própria identidade constitutiva: filhos de Deus e filhos de Maria, a mãe de todos os cristãos.

Da identidade filial, assumida e vivida como resposta ao chamado de Deus, jorra o sentido da própria “relatividade” em relação a Deus e a Jesus e coloca a missão educativa em seu centro teológico: cooperar com Deus no seu projeto de salvação aos jovens, centrar-se em Cristo para participar da sua caridade pastoral, e conseqüentemente, cooperar com Deus em Cristo, “auxiliado” por Maria, maternamente cooperadora de Deus e de Cristo.⁸⁴

De Maria e da sua solicitude materna, portanto, brota o Sistema Preventivo, método educativo e espiritualidade. A insistência de Dom Bosco em colocar-se na escola de Maria, em deixar-se guiar por ela, surge do fato de que, sem ela é impossível viver tal método em sua finalidade como em seus aspectos metodológicos. É ainda a carta de 1884 que esclarece: “Essa mesma [Maria Santíssima] os reuniu para conduzi-los para longe dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos e para que dessem glória a Deus e a ela com as suas boas condutas”

O “campo de trabalho” pastoral é aquele escolhido por ela, indicado no sonho dos nove anos e retomado no desenvolver-se progressivo da missão.⁸⁶ A “Pastora dos sonhos” designa a índole da missão e individualiza os destinatários, o campo da pastoral juvenil. A sua presença materna tem a

mesma condição de possibilidade de tal missão: “é Nossa Senhora aquela que para eles com infinitas e prodigiosas graças providencia o pão e os meios de estudarem”.⁸⁷

É ela quem indica aos educadores o caminho para serem sinais e portares do amor de Deus aos jovens. O convite a tornar-se “humilde, forte e robusto” é feito diretamente a cada filho e filha de Dom Bosco, segundo uma exigente linha ascética consistente no empenho de purificar o próprio coração do orgulho, para conquistar fortaleza a toda prova, para canalizar a própria sensibilidade e levá-la ao serviço da caridade que tudo desculpa e suporta toda contrariedade.⁸⁸

Uma explicação mais detalhada encontra-se no sonho do pergolado de rosas, onde é Maria que explica o sentido do caminho percorrido entre as rosas e os espinhos: “Sabes que o caminho percorrido significa o cuidado que tens com a juventude: deves caminhar com os sapatos da mortificação. Os espinhos da terra representam as afeições sensíveis, as simpatias ou antipatias humanas que desviam o educador do verdadeiro objetivo, o ferem, o aprisionam em sua missão, impedem de procederem e recolherem coroas para a vida eterna. As rosas são símbolos da caridade ardente que os distinguem. Os outros espinhos significam os obstáculos, os sofrimentos, os aborrecimentos que acontecem. Mas não percas a coragem. Com a caridade, com a mortificação, tudo superarás e alcançarás as rosas sem espinhos”.⁸⁹

A interpretação do sonho mostra as importantes fontes da missão salesiana. Para um educador, a caridade ardente se manifesta e se transforma em amorevolezza, em afeto demonstrado, compreendido e percebido pelos jovens. Nesta empreitada a esfera afetiva é a que causa mais sofrimento, conseqüentemente requer suportar as simpatias e antipatias humanas, vigiar as próprias emoções e orientá-las em chave oblativa, acolher, isto é uma ascese “na mesma categoria daquela do pai e da mãe de família, que não é outra que o amor dedicado aos filhos, com todas as fadigas e as renúncias que incluem”.⁹⁰

Em tal tarefa Maria é ideal e modelo para quem somos convidados a olhar, “todos aqueles que na missão apostólica da igreja cooperam na regeneração dos homens”.⁹¹ Portanto se “todos aqueles que na igreja se consagram à regeneração dos irmãos devem imitar o amor materno de Maria, mais ainda aqueles que Deus suscita para a regeneração dos menores [...] com um método educativo que tem por fundamento a caridade que se traduz em amorevolezza; que para educar, para levar à adesão da fé, se dirige à inteligência, porém passando pela via secreta do coração”.⁹²

Dom Bosco é convicto de que somente com o auxílio de Maria quem consagrou a sua vida aos jovens poderá viver plenamente o método preventivo, superando todas as dificuldades relacionais que poderão surgir: “se recordem que [...] com o auxílio da Santíssima Mãe deve cair aquela barreira de desconfiança que o Demônio soube levantar entre os jovens e Superiores, alegrando-se pela ruína de certas almas”.⁹³

Daqui um estilo de vida apostólica inspirado *em e por* Maria que se exprime na humildade e zelo de servo diante de Deus; ternura de mãe em relação aos jovens; coragem de combater nas dificuldades; esperança que faz levantar os olhos em direção ao céu.⁹⁴

A filiação mariana, vivida conscientemente como itinerário de formação cristã e salesiana, se transforma por isto em fonte de paternidade/maternidade educativa revelando a sua centralidade e importância na aplicação integral do Sistema Preventivo.

CONCLUSÃO

Depois de ter sondado, parcialmente, o relacionamento filial de dom Bosco com Maria e ter individualizado algumas recaídas na prática educativa do Sistema Preventivo, podemos nos perguntar quais são os desafios emergentes para nós, hoje.

É grande a distância que separa o nosso mundo frenético e tecnológico daquele em que o nosso fundador e os seus jovens viveram. Por isto, não podemos deixar de olhar com uma veia nostálgica esta vivência constituída por uma religiosidade simples, porém vital e profunda, que acompanhou a sua infância e juventude. Dali, Dom Bosco aprendeu a sentir-se filho de Maria, a rezar

e invocá-la em cada circunstância, e neste mesmo clima quente de confiança e de afetividade envolveu os seus jovens do Oratório.

É evidente que muito daquela religiosidade, ligada a uma transmissão geracional da fé, simples, porém eficaz, autêntica e vital, em certos casos, vai desaparecendo.

Hoje muitos pais e educadores, desorientados e desencorajados, são levados a abdicarem da sua tarefa de pais/mães; portanto são sempre mais numerosos as crianças e jovens que se sentem órfãos. Isto é, nenhum ser humano pode prescindir da experiência filial. Ser filhos, de fato, é “a experiência constitutiva do ser humano, como único relacionamento do qual nenhum de nós pode prescindir. Podemos transcorrer toda a existência sem jamais ser pai ou mãe, irmão ou irmã, marido ou mulher, mas jamais será possível evitar a experiência da filiação”.⁹⁵ Portanto, “a condição de filho não pertence a um momento da vida, mas a toda a vida”.⁹⁶

É este um ótimo terreno no qual, a meu ver, é possível enxertar o percurso educativo preventivo. Sem Maria, porém não será possível. Sem ela, não nos tornamos pessoas e nem cristãos. Ela continua a ser também para nós, hoje, a Mestra que nos guia no campo da educação juvenil. Mantendo firmemente a nossa mão na sua encontraremos a via para entrar nos corações e para caminhar e crescer juntos em direção a santidade.

REFERÊNCIAS

¹ Il presente contributo è una sintesi del più ampio studio dal titolo *L'esperienza della filialità mariana e i risvolti educativi nel Sistema preventivo di san Giovanni Bosco* pubblicato in FARINA Marcella – SIBOLDI Rosangela – SPIGA Maria Teresa, *Filialità. Percorsi di riflessione e di ricerca*, Roma, LEV 2014, 312-331.

² Questo il titolo della Strenna 2024: «Il sogno che fa sognare». Un cuore che trasforma i “lupi” in “agnelli”.

³ Cf. ALDO GIRAUDDO, *L'importanza storica e pedagogico-spirituale delle Memorie dell'Oratorio*, in BOSCO Giovanni, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, Roma, LAS 2011, 21-22 (d'ora in poi MO).

⁴ In realtà sui registri parrocchiali e sui documenti civili la data di nascita è il 16 agosto (cf *ivi* 58 nota 6).

⁵ MO 62-63.

⁶ Cf. *ivi* 134-135.

⁷ *Ivi* 134.

⁸ Cf. *ivi* 66-67.

⁹ Cf. *ivi* 81-82.

¹⁰ Cf. *ivi* 101.

¹¹ Cf. GIOVANNI BOSCO, *Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri, ammirato da tutti per le sue singolari virtù scritti da un suo collega* (1844), in ID., *Opere Edite I*, LAS, Roma 1976, 1-84 (d'ora in poi OE seguito dal numero del volume e della pagina che si riferisce alla fonte originale).

¹² Cf. PIETRO STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica. Mentalità religiosa e spiritualità* vol. II, Roma, LAS 1981, 149.

¹³ Cf. MO 121.

¹⁴ ALFONSO DE' LIGUORI, *Le glorie di Maria I*, s.e. Torino 1824.

¹⁵ Cf. CAFASSO GIUSEPPE, *Meditazioni sulla Madonna Ss.ma*, in ID., *Missioni al popolo. Meditazioni*, a cura di Pier Angelo Garamaglia, Effatà, Cantalupa (To) 2002, 271-293.

¹⁶ BOSCO GIOVANNI, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'uffizio della Beata Vergine e de' principali Vespri dell'anno coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre* (1847), in OE II 183-532.

¹⁷ Cf. MO 135.

¹⁸ Cf. *ivi* 142.145.

¹⁹ *Ivi* 154.

²⁰ Cf. *ivi* 155.

²¹ Cf. *ivi* 156.

²² Cf. *ivi* 167.

²³ MARIA DOSIO– MARIE GANNON– MARIA PIERA MANELLO– MARCHI MARIA (a cura di), «Io ti darò la maestra ...». *Il coraggio di educare alla scuola di Maria*, Atti del Convegno Mariano Internazionale promosso dalla Pontificia facoltà di Scienze dell'Educazione “Auxilium” – Roma, 27-30 dicembre 2004, LAS, Roma 2005, 15.

²⁴ PONTIFICIA ACADEMIA MARIANA INTERNATIONALIS [PAMI], *La Madre del Signore. Memoria Presenza Speranza. Alcune questioni attuali sulla figura e la missione della b. Vergine Maria*, Città del Vaticano 2000, nota 6 a pagina 14.

²⁵ *Ivi* 50.

- ²⁶ *Ivi* n. 62.
- ²⁷ Cf. PAMI, *La Madre del Signore* 83.
- ²⁸ Cf. GIOVANNI BOSCO, *Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice raccolte dal Sacerdote Giovanni Bosco*, in OE XX 7. 38-41.
- ²⁹Cf. BRAIDO PIETRO, *Pedagogia della devozione mariana*, in ID., *Il sistema preventivo di don Bosco*, PAS Verlag, Zürich 1964², 270.
- ³⁰ RICALDONE PIETRO, *Don Bosco educatore II*, Colle don Bosco Libreria Dottrina Cristiana, (Asti) 1952, 413.
- ³¹Cf. *ivi* 412-413.
- ³² MB VI 318.
- ³³ Cf. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica II* 152.
- ³⁴ BOSCO, *Il Giovane provveduto* (1885), in OE XXXV 475.
- ³⁵ GIOVANNI BOSCO, *Nove giorni consacrati all'Augusta Madre del Salvatore sotto il titolo di Maria Ausiliatrice* (1870), in OE XXII 8.
- ³⁶ Cf. GIOVANNI BOSCO, *Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice* (1868), in OE XX 31-32.
- ³⁷ *Ivi* 33.
- ³⁸ *Ivi* 34.
- ³⁹ Cf. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica II* 151.
- ⁴⁰ «Ella divenne persona di alta statura, alzò le braccia ed aperse il manto, nel quale erano intessute con arte stupenda molte iscrizioni. Questo poi si allargò smisuratamente tanto, da coprire tutti coloro che vi si ricoveravano sotto: quivi erano sicuri della vita, per primo un numero scelto de' più buoni corse a quel refugio. Ma vedendo Maria SS. che molti non si prendevano cura di affrettarsi a Lei, gridava ad alta voce: *Venite ad me omnes*, ed ecco che cresceva la folla dei giovanetti sotto il manto che sempre si allargava. Alcuni però invece di ricoverarsi sotto il manto, correvano da una parte all'altra e venivano feriti prima che fosse loro dato di ripararsi al sicuro. La Vergine SS. affannata, rossa in viso, continuava a gridare, ma più rari si vedevano quelli i quali correvano a lei. L'elefante seguitava la strage e parecchi giovani, che maneggiando una spada, chi due, sparsi qua e là, impedivano ai compagni, che ancora si trovavano nel cortile, col minacciarli e col ferirli, di andare a Maria. E costoro l'elefante non li toccava menomamente» (MB VII 358)
- ⁴¹ Cf. *ivi* XI 260.
- ⁴² Cf. il sogno del serpente in *ivi* VII 239; il sogno del Rosario "arma" contro gli assalti del male in *ivi* III 294.
- ⁴³ «Egli ci ha scelti prima della creazione del mondo predestinandoci a essere per lui figli adottivi mediante Gesù Cristo, secondo il disegno d'amore della sua volontà» (Ef 1, 4-5).
- ⁴⁴ ALDO GIRAUDDO, *Don Bosco, un educatore mariano. La devozione mariana nella prospettiva di Don Bosco*, in *Maria Ausiliatrice. Rivista del Santuario Basilica di Maria Ausiliatrice – Torino*, 28 (2007) 1, 31.
- ⁴⁵ GIOVANNI BOSCO, *Il Mese di Maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del popolo* (1858), in OE X 8.
- ⁴⁶ GIRAUDDO, *Don Bosco, un educatore mariano* 31.
- ⁴⁷ *Ivi* 32.
- ⁴⁸ Cf. BOSCO, *Il Mese di Maggio*, in OE X 16.
- ⁴⁹ MB VII 676-677.
- ⁵⁰ BOSCO, *Il Mese di Maggio*, in OE X 63-64.
- ⁵¹ GIRAUDDO, *Don Bosco, un educatore mariano* 32.
- ⁵² Cf. MB II 298-299.
- ⁵³ Cf. *ivi* XII 578; VII 293, 360, 387, 583, 626, 675, 680-681.
- ⁵⁴ Cf. *ivi* VII 676.
- ⁵⁵ STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica II* 158.
- ⁵⁶ Cf. *ivi* 162.
- ⁵⁷ BRAIDO, *Il Sistema preventivo* [1964] 272.
- ⁵⁸ ALBERTO CAVIGLIA, *Il «Magone Michele» una classica esperienza educativa*, in ID., *Opere e scritti editi e inediti V* Torino, SEI 1965, 155.
- ⁵⁹ Buona notte di don Bosco ai giovani dell'Oratorio, 20 giugno 1864, in MB VII 680.
- ⁶⁰ MB XVI 268.
- ⁶¹ GIRAUDDO, *Maestri e discepoli in azione*, in BOSCO GIOVANNI, *Vite di Giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besuccho*. Saggio introduttivo e note storiche a cura di Aldo Girauddo, LAS, Roma 2012, 16.
- ⁶² *Ivi* 5.
- ⁶³ ALBERTO CAVIGLIA, *Il «Magone Michele» una classica esperienza educativa*, in ID., *Opere e scritti editi e inediti V*, SEI, Torino 1965, 155.
- ⁶⁴ BOSCO GIOVANNI, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'oratorio di S. Francesco di Sales*, in ID., *Vite di Giovani* 132.
- ⁶⁵ *Ivi* 133.
- ⁶⁶ CAVIGLIA, *Il «Magone Michele»* 156.
- ⁶⁷ BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*, in ID., *Vite di Giovani* 133.

⁶⁸ È questa la funzione di tali pratiche. Afferma Braido: «I fioretti e le novene si pongono su un piano di praticità. Sono l'occasione per entrare a stimolare, alla luce di Maria, “per amore di Maria” o in “onore di Maria” ad un cristianesimo sempre più concreto e impegnativo» (BRAIDO, *Il Sistema preventivo* [1964] 272).

⁶⁹ BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*, in ID., *Vite di Giovani* 133.

⁷⁰ *L. cit.*

⁷¹ *L. cit.*

⁷² *L. cit.*

⁷³ *L. cit.*

⁷⁴ *Ivi* 134.

⁷⁵ *Ivi* 153.

⁷⁶ *Ivi* 153-154.

⁷⁷ CARLO COLLI, *Ispirazione mariana del Sistema preventivo*, in PEDRINI (a cura di), *La Madonna dei tempi difficili* 176-177.

⁷⁸ *Ivi* 177.

⁷⁹ *Ivi* 178.

⁸⁰ Cf. JOSEPH AUBRY, *Apostoli salesiani con Maria*, in ARNALDO PEDRINI (a cura di), *La Madonna dei tempi difficili*. Simposio Mariano Salesiano d'Europa, Roma, 21-27 gennaio 1979, Roma, LAS 1980, 147-148.

⁸¹ MB XI 257.

⁸² MB III 32.

⁸³ GIOVANNI BOSCO, *Lettera alla comunità salesiana dell'Oratorio di Torino-Valdocco*, Roma, 10 maggio 1884, in DBE 388.

⁸⁴ È quanto viene espresso nelle Costituzioni dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice: «Il Sistema Preventivo [...] è un'esperienza di carità apostolica, che ha come sorgente il Cuore stesso di Cristo e come modello la sollecitudine materna di Maria. Consiste in una presenza educativa che con la sola forza della persuasione e dell'amore cerca di collaborare con lo Spirito Santo per far crescere Cristo nel cuore delle giovani» (ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE, *Costituzioni e Regolamenti*, Istituto FMA, Roma 1982, art. 7).

⁸⁵ BOSCO, *Lettera alla comunità salesiana dell'Oratorio di Torino-Valdocco*, in DBE 388.

⁸⁶ Cf. il sogno del 1844 narrato in MO 134-135.

⁸⁷ BOSCO, *Lettera alla comunità salesiana dell'Oratorio di Torino-Valdocco*, in DBE 388.

⁸⁸ Cf. COLLI, *Ispirazione mariana del sistema preventivo*, in PEDRINI (a cura di), *La Madonna dei tempi difficili* 164.

⁸⁹ MB III 35.

⁹⁰ AUBRY JOSEPH, *Lo spirito salesiano. Lineamenti*, Cooperatori Salesiani, Roma 1972, 75.

⁹¹ *LG* n. 65.

⁹² COLLI, *Ispirazione mariana del sistema preventivo*, in PEDRINI (a cura di), *La Madonna dei tempi difficili* 168.

⁹³ BOSCO, *Lettera alla comunità salesiana dell'Oratorio di Torino-Valdocco*, in DBE 388.

⁹⁴ *Ivi* 138-141.

⁹⁵ ANNA BISSI, *Essere e diventare figli. La vocazione dell'uomo*, Paoline, Milano 2012, 20.

⁹⁶ BRUNO MAGGIONI, *Padre nostro*, Vita e Pensiero, Milano 1995, 32.

Tradução: Ir. Elizabeth Pastl Montarroyos.